

A Geração Z

A Geração Z e O Retorno do Rei

**Sobre a perspectiva escatológica
pós-moderna da geração Web
(nascida após 1995).**

**Ensaio preparatório para o
Encontro Consciência Cristã Jovem
2020**

José Bernardo
São Paulo, 2019

Índice

| | |
|--------------------------------|----|
| Prólogo | |
| A Geração Z e O retorno do Rei | 03 |
| Ensaio I | |
| Os nativos digitais | 05 |
| Ensaio II | |
| Evangelhos sem Evangelho | 07 |
| Ensaio III | |
| A asfixia da fé | 09 |
| Ensaio IV | |
| Cansados de esperar | 11 |
| Ensaio V | |
| Experimentar sem escolher | 13 |
| Ensaio VI | |
| Micronarrativas escravizantes | 15 |
| Ensaio VII | |
| Teologia fora de hora | 17 |
| Epílogo | |
| Uma esperança para a Geração Z | 19 |

GenZ, Prólogo

A Geração Z e O Retorno do Rei

José Bernardo

No momento em que o vídeo com o tema ‘O retorno do Rei’ para o Consciência Cristã de 2020 foi projetado, no início de março passado, vieram à minha mente as palavras de Jesus ensinando sobre perseverança: *“Contudo, quando o Filho do homem vier, encontrará fé na terra?”* Lc 18:8. Evangelizamos e pastoreamos pessoas que buscam satisfação imediata, para as quais a verdade consiste apenas naquilo que podem sentir. Lidamos com uma geração que não sabe perseverar, que não pensa no futuro, que não tem expectativas. Para jovens e adolescentes, a escatologia é menos tangível do que filmes de super-heróis.

Em nosso ministério, sabendo que o SUPER20, o conjunto de idades ente 4 e 24 anos, é o principal grupo de conversão, principalmente porque têm um cérebro aberto à mudança e inovação, entendemos que a evangelização e o pastoreio de crianças, adolescentes e jovens é decisivo para a sobrevivência e saúde da Igreja. Se não

atingir essas gerações a Igreja coloca-se em risco de descontinuidade. Por isso temos dado especial atenção a essas idades como alvos e agentes da evangelização. Contudo, o aprofundamento da pós-modernidade, especialmente na geração nascida a partir de 1995, encontrou a Igreja despreparada e totalmente incapaz.

Entender essa nova geração, conhecer a causa de sua falta de esperança, saber como evangelizá-la e pastoreá-la, esse é o desafio que enfrentamos desde a fundação de nosso ministério. Nesses 20 anos ministrando para a Geração Z, algumas ideias foram exaustivamente provadas e é sobre elas que gostaria de falar em sete breves ensaios clínicos. Esses também serão temas para nosso encontro com pastores e líderes de jovens e adolescentes e com jovens comprometidos com a liderança no Consciência Cristã Jovem, nas tardes de 22 a 25 de fevereiro de 2020, em Campina Grande – PB, com a participação de meu convidado, rev. David Goundry.

GenZ, Ensaio I

Os nativos digitais

José Bernardo

A sociologia estuda as gerações e o que as define. Nascidos a partir de meados da última década do século 21, a geração que hoje começa ou termina sua juventude é caracterizada por ter sido gerada dentro da Web, por usar *smartphones* e se comunicar principalmente por vídeos e voz. No Brasil, o evento definidor foi o golpe pela hegemonia cultural promovido pelo Partido dos Trabalhadores conforme ao marxismo de Gramsci. A nova geração viu o aparelhamento ideológico de suas escolas e sofreu todo o impacto das estratégias de desconstrução que levaram aquele partido ao poder e o mantiveram lá.

Web e doutrinação causaram um distúrbio do pensamento. Por exemplo, os jovens brasileiros têm baixíssima capacidade de compreensão e interpretação de textos, mas são os mais prontos a opinar. Podem não saber o que é, mas foram induzidos a dar opinião que acreditam ser própria, inteligente e atualizada. Quando pensamos que a fé cristã se constrói pelo conhecimento da Palavra de Deus escrita, a incapacidade de ler da terceira oralidade é um obstáculo difícil de

transpor. Semelhante aos mundanos, os jovens evangélicos têm opiniões teológicas que parecem firmes, mas são como casas construídas sobre a areia, sem resistência a tempestades.

Sobre isso, Jesus disse: *“Vocês estão enganados porque não conhecem as Escrituras nem o poder de Deus!”* Mt 22:29. Aquela geração, como essa, não compreendia e nem interpretava as Escrituras corretamente, por isso eram ignorantes quanto à eternidade. Um dos esforços que temos feito é de levar adolescentes e jovens a uma leitura emocional das Escrituras. Usando princípios do psicodrama, reeditamos a exegese, hermenêutica e liturgia do texto para teatralizar, dramatizar e encenar. Com isso conseguimos o engajamento com as Escrituras, na medida em que a Geração Z achou-se protagonista da narrativa bíblica e ensaiou os papéis que deveria imitar.

GenZ, Ensaio II

Evangelhos sem Evangelho

José Bernardo

Há sinais de contaminação humanista por onde quer que olhemos para o evangelicalismo brasileiro. A influência da propaganda ideológica-esquerdista, que já havia contaminado outros regimes latino-populistas, encontrou abrigo primeiro na Igreja Católica, com a Teologia da Libertação e, desde o início dos anos 80, também nas Igrejas Evangélicas. Em nome dos pobres e através do pluralismo epistêmico, a teologia evangélica foi invadida por um pensamento antropocêntrico, e chafurda alegremente nas necessidades, desejos, comportamentos e direitos humanos: deixou de ser uma igreja servidora para ser consumidora. Como em qualquer outra desconstrução, a posição bíblica é considerada simplista, maniqueísta e reacionária.

Além do desastroso antropocentrismo, a desconstrução humanista da fé evangélica se configurou em secularismo e materialismo. Jesus disse, *“O meu Reino não é deste mundo”* Jo 18:36, mas os crentes de hoje não se importam.

Antropocentrismo e secularismo roubaram o Evangelho do evangelicalismo e deixaram a Geração Z perdida em uma religião incapaz. O Reino é a essência do Evangelho; que Deus, em Cristo, está disposto a governar as pessoas, essa é a boa notícia que fomos encarregados de comunicar. Se nossa mensagem é a prosperidade material ou, em outras palavras, a justiça social, ela não é capaz de transformar.

A Geração Z está saturada de falsos evangelhos. Aquilo que nossos jovens creem não é capaz de transformar suas vidas e nem tem poder de mudança quando é retransmitido. Por isso o Reino dos Céus parece tão distante e a volta de Jesus tão ausente. Tenho notado, em diferentes contextos, que a glorificação de Jesus Cristo é *“a pedra de tropeço e rocha que faz cair”* 1Pe 2:8. Se pudermos usar a música e outras linguagens estéticas para glorificar ao Senhor, seremos capazes de restabelecer o cristocentrismo do Evangelho e reconduzir a Geração Z à submissão ao Reino de Deus.

GenZ, Ensaio III

A asfixia da fé

José Bernardo

Uma característica da Geração Z, é viver em cidades grandes, em ambientes multiculturais, onde a convivência exige o alto preço da tolerância. Também, como nativos digitais, adolescentes e jovens ocultam a si mesmos atrás de perfis simpáticos nas redes sociais. Evitar o conflito é a primeira regra da boa convivência com o mundo, e nossos adolescentes e jovens se tornam mestres nisso. A doutrinação nas escolas ainda os pressiona mais, são ameaçados com a criminalização das opiniões divergentes, insistentemente ensinados a aceitar e apoiar comportamentos que deveriam rejeitar, e estimulados a posicionar-se contra as convicções que receberam de seus pais.

É nesse esforço pela convivência com o mundo em que vivem que a fé se reduz ao mínimo. Parece necessário abafar aquilo que se crê ao ponto de a fé não mais interferir no comportamento, causando divergência e conflito. Sufocada, a fé morre, como também o envolvimento com as Escrituras e o compromisso com a Igreja. Os que permanecem nos cultos por qualquer

razão, não estão verdadeiramente ligados ao Corpo de Cristo na unidade do Espírito, não têm o vínculo de 'uma só fé' (Ef 4:3,5). *“Contudo, quando o Filho do homem vier, encontrará fé na terra?”* Lc 18:8.

Essa asfixia da fé pela tolerância para a boa convivência é uma das razões pelas quais a escatologia e a eternidade estão tão distantes do cotidiano de nossos adolescentes e jovens. A necessidade vital de amizades é seu ponto fraco, mas pode se tornar a sua maior força. Fortalecer os relacionamentos na Igreja, formando grupos plenamente satisfatórios de adolescentes e jovens, dará as condições necessárias para uma postura apologética diante do mundo. Nessa mesma linha, a igreja poderá reforçar a vida missional para a comunicação do Evangelho, ajudando a Geração Z a assumir a posição de verdadeiras testemunhas de Cristo.

GenZ, Ensaio IV

Cansados de esperar

José Bernardo

O movimento norte-americano ‘O amor verdadeiro espera’ e tantos outros similares nasceram para a Geração Z. Esta é uma geração que nada espera, uma geração que busca satisfação portátil e imediata. Por isso aqueles movimentos vieram, tentando ensinar a geração *on-demand* a ser perseverante. É difícil dizer se algo em tais movimentos deu certo. Pesquisas mostram que um alto percentual de ‘esperadores’ de carteirinha não esperaram de fato. Muitos dos que esperaram ficaram frustrados, já que aquilo que desejavam não aconteceu. A geração *fast-food* não sabe esperar, principalmente porque não acredita na eternidade, é imediatista, não tem motivação para perseverar.

A falta de fé logo se torna ausência de esperança. Não temos expectativa por aquilo em que não acreditamos. Neurologicamente, jovens e adolescentes são mais propensos a viver o presente e buscar satisfação rápida. Sem fé, essa propensão se intensifica. Não esperam pelo casamento, por oportunidades de ministério e liderança, nem pelo Retorno do Rei ou

pela vida eterna, não suportam a leve e momentânea tribulação e não aguardam a promessa do Pai. Então Paulo disse ainda: *“Se é somente para esta vida que temos esperança em Cristo, somos, de todos os homens, os mais dignos de compaixão”* 1Co 15:19.

Como virgens loucas, sem azeite de reserva para esperar o Noivo, assim são nossos jovens e adolescentes: sua pressa em viver o presente os faz os mais miseráveis de todos os seres humanos. Uma solução para ensinar esperança à Geração Z pode ser o conceito de ‘espera ativa’ da engenharia de *software*: a questão é o que fazer enquanto aguarda. Muitos textos bíblicos ensinam este tipo de esperança, como *“Feliz o servo que seu senhor encontrar fazendo assim quando voltar”* Mt 24:46. Ajudá-los a concentrarem-se no que fazer enquanto esperam pelo Senhor, pode ajudar os jovens a viver com esperança.

GenZ, Ensaio V

Experimentar sem escolher

José Bernardo

Um dos lemas da geração Z é YOLO, acróstico para 'You only live once', popularizado com o lançamento da música "The Motto" do rapper Drake e outros. No gancho da música o rapper canta: 'You only live once: that's the motto, nigga, YOLO'. Muito diferente do lema *Carpe Diem* do poeta romano Horatius, que estimula aproveitar os benefícios do presente, face a um futuro incerto, YOLO é um chamado ao prazer extremo, mesmo com alto risco. *Carpe Diem* reflete bem a pós-modernidade do ciclo anterior, enquanto YOLO mostra os dentes da pós-modernidade contemporânea, e particularmente o estilo da Geração Z.

Experimentar tudo na maior intensidade, como se a vida durasse um momento, é característica de quem não tem fé ou esperança. Conforme Viktor Frankl, é a expressão de quem perdeu o significado, não obteve poder, e então se lança inteiramente ao prazer animal. É o oposto do caminho mais excelente conforme o apóstolo

Paulo (1Co 13). O amor ágape é essencialmente preferir ou escolher algo, mais do que qualquer outra coisa. Amor assim *“Tudo sofre, tudo crê, tudo espera, tudo suporta”* 1Co 13:7, mas a geração que confunde amor e sexo, que vive para a carne, é incapaz de amar.

Paulo terminou seu hino sobre o amor lembrando aos crentes que três coisas são necessárias para a vida cristã: a fé, a esperança e o amor. Na ausência de fé não há esperança, e na falta de esperança não há amor. Então, a saúde espiritual da nova geração está profundamente comprometida. Libertar-se dos níveis inferiores do prazer anímico começa com a compreensão e aceitação da missão divina. Quando nossos jovens e adolescentes finalmente entenderem para que estão aqui, terão verdadeira esperança e escolherão corretamente. A missão divina será o critério definitivo para experimentarem o que é bom, agradável e perfeito.

GenZ, Ensaio VI

Micronarrativas escravizantes

José Bernardo

A pós-modernidade rompeu com as metanarrativas para dar ao indivíduo a sensação de liberdade da verdade particular. Embalagens que compreenderam e compactaram todo o saber humano se desfizeram e o conhecimento se espalhou em inúmeros fragmentos. Surgiram então as micronarrativas que agora dominam o cotidiano da Geração Z. O *microblog* Twitter é um bom exemplo. Depois que dobrou a quantidade de texto permitida para 280 caracteres, aquela rede social viu a postagem média cair de 34 para 33 caracteres. É tudo o que adolescentes e jovens precisam para contar suas histórias, ou 15 segundos de vídeo no *Stories* do Instagram.

As séries dominam o cenário dramático e resumem a vida em 16 capítulos ou menos. A sucessão rápida de pequenas histórias, os sentimentos incoerentes que despertam, o desejo insatisfeito de continuidade, a saudade não se sabe do que, os ambientes fantasiosos e os clichês comportamentais, tudo isso configura uma

escravidão psíquica, viciosa, da qual as pessoas não sabem se livrar. O impacto desse caleidoscópio emocional é desconcertante. Nos casos agudos, os consumidores deixam de viver a própria vida para se ocupar de personagens que percebem e confundem com os atores. A cultura *anime* e filmes de super-heróis são exemplos semelhantes.

Escravos das micronarrativas, adolescentes e jovens têm dificuldade em acompanhar a história que começou na Criação e se prolongará até a Cidade Santa. Viver de solavancos emocionais é o que a verdade liquefeita no individualismo lhes impõe, mas, estabelecer os poucos anos de existência na terra como parâmetro da verdade resulta em nulidade e escravidão. Alguém disse que não somos libertos 'de algo', mas 'para algo', então digo que nossa identidade, perdida no individualismo, se encontra na coletividade. Reconectaremos a Geração Z à metanarrativa definidora de sua identidade e liberdade, vinculando cada pessoa aos outros membros do Corpo de Cristo.

GenZ, Ensaio VII

Teologia fora de hora

José Bernardo

Adolescentes e jovens que evangelizamos ou pastoreamos são pós-modernos, mas nossa teologia é modernista. Diante dessa disparidade a Igreja reage, não compreendendo e interpretando o ambiente em que está, mas reafirmando a fé renascentista. Convencidos de que a teologia modernista é a fé bíblica, os crentes não percebem que é anacrônica no método, no objeto e na ação. Oferece raciocínios lógicos, sistêmicos, quando seu público depende de sensações; continua atacando a desgraça romanista quando o inimigo é a tolerância humanista; e trabalha por um reino deste mundo quando o Reino de Jesus não é desse mundo (Jo 18:36). Não há esperança.

A miopia da igreja é fator decisivo no desvio de adolescentes e jovens evangélicos e na incapacidade de comunicar o Evangelho aos que ainda não vieram. O problema é mascarado por movimentos de igreja emergente em que muda-se apenas o embrulho, ou ainda pior, desconstroem-se elementos essenciais sem uma proposta clara de reconstrução. A idolatria do

método, objeto e ação não são a resposta para adolescentes e jovens na pós-modernidade. É necessária uma nova Reforma e, embora as mudanças sejam muito tímidas, os pregadores que ainda atraem os jovens são aqueles que dessacralizam a modernidade e avançam para a realidade.

Sei que o discurso por uma nova Reforma não é original. Muitos crentes percebem essa necessidade e clamam por isso; o problema é quem, como e quando se afixarão teses discutindo o poder da indulgência humanista? Desde o início do século 17 os protestantes estão tão ocupados protestando uns contra os outros que não viram a tradição e o magistério da Igreja reassumirem o controle. Uma nova ortodoxia ultrapassou o *Sola Scriptura*. Estou convicto de que somente o abandono da dogmática e a completa dedicação a estudar, praticar e ensinar o texto bíblico (Ed 7:10) nos dará relevância na pós-modernidade.

GenZ, Epílogo

Uma esperança para a Geração Z

José Bernardo

A Geração Z é uma abordagem sociológica geracional no ambiente da visão mais genérica da pós-modernidade. Eu diria que o distintivo dessa geração em relação às anteriores, desde a segunda década do século passado, é a acentuação das mesmas condições: crescimento urbano, velocidade da informação, fragmentação do conhecimento, especialização científica, desconexão social, desconstrução institucional, mediação política, acúmulo de dados, insuficiência de decodificadores, ausência de critérios e apatia do excesso. Nisso não há diferença entre ser evangélico ou não. O evangelicalismo, aferrado aos princípios modernistas da Reforma, não foi capaz de ajudar os crentes na mudança de paradigmas e perdeu influência.

Cada vez menos a fé evangélica modela comportamentos, planos e ações. O compromisso dos crentes é apenas eventual, cerimonial. Na nova geração, entre desviados que vão e desviados que ficam, sobra pouca fé. Dois tipos de reações

ineficientes agravam ainda mais o problema. De um lado há o reavivamento dos princípios modernistas do século 16, como se fossem a plena expressão da santidade bíblica. De outro lado há a reformulação estética do culto e da mensagem, às vezes mantendo o conteúdo ultrapassado, em outras, esvaziando-se de qualquer conteúdo, para apenas confirmar sua irrelevância. Em qualquer caso a igreja se desatualiza.

A esperança, no entanto, é aquela mesma do primeiro século: *“Nele estava a vida, e esta era a luz dos homens”* Jo 1:4. Se considerarmos a história cíclica, o Cristianismo nasceu e se desenvolveu na pós-modernidade anterior. Grosso modo tivemos uma pré-modernidade com o zoroastrismo persa, seguido pela modernidade helenista, culminando com a pós-modernidade romana. Todos os elementos da pós-modernidade podem ser identificados no ambiente em que Jesus fundou a Igreja. Se removermos a crosta modernista de nossa fé, encontraremos um cristianismo plenamente capaz de reconstruir a espiritualidade de nossos adolescentes e jovens, inclusive estes da Geração Z.

Fiat lux!